

Rubem Braga

EM LOUVOR DA GRANDEZA DE DEUS

— **M**AS Deus é grande!
 Quem me ensinou isso foi Tati, uma grande amiga. Em sua bôca isso tem um sentido vindicativo, reivindicativo e vitorioso. A afirmação de que acima de tôdas as humilhações da vida e da astúcia dos poderosos e da conjuninação dos maus, a gente pode encontrar dois palmas de céu limpo e azul por onde mirar as estrêlas e ouvir a música dos mundos e respirar um instante feliz...

— Mas Deus é grande!

E é. Quem o confirma sou eu, nascido à margem direita do rio Itapemirim, ora residente à margem esquerda do Oued Bou Regreb. Não sou um homem de Deus; nem sequer um crente muito seguro; vacilo muito; tenho cêrca de quatorze razões de duvidar, algumas sérias; mas há momentos na vida...

* * *

Suponhamos que eu esteja em Três Corações do Rio Verde ou, vamos dizer, em Divinópolis. Divinópolis! Na verdade estive prêso lá — mas foi quando eu tinha 19 anos de idade. De Três Corações tudo o que me lembro é que a cidade tinha as ruas e avenidas numeradas, como Nova Iorque, e que dei um passeio de canoa e tomei um banho de rio um pouco abaixo da ponte, lá, no rio Verde. Como se chama o rio que passa por Divinópolis? Não tenho aqui comigo um mapa de Minas — não sei. Apenas sei que uma noite de domingo convenci o carcereiro a darmos uma voltinha juntos, e havia um passeio de môças e rapazes em uma ponte em cima de uma cachoeira. Isso no oeste de Minas. Mas suponhamos que, tendo 19 anos, e estando no cárcere de Divinópolis, eu muito pobre, muito magro e com frio, naquele inverno de 1932, sonhasse com Joan Crawford — uma dessas pessoas irreais com que um rapaz brasileiro honesto podia sonhar em 1932; e acordasse de repente, e ao me voltar no cubículo esbarrasse com ela — Joan Crawford em pessoa, alta, sardenta, cheia de bôca e de vida:

— Rubem!
 E se abraçasse comigo.

* * *

Não, não é isso. Isso tem um ar “farror”, tem êsse horrível elemento chamado “importância”. O que aconteceu comigo não foi bem isso. Vamos procurar outra comparação mais modesta para não exacerbar a malignidade dos invejosos.

Lembro-me do depoimento de um sargento do Exército, único sobrevivente de uma balsa em que penou vários dias em companhia de outros naufragos de um daqueles navios brasileiros torpedeados nas costas de Sergipe durante a última guerra. Ele contava que, alucinado de sede, tinha visões, miragens; em certo momento “viu” um velho garçom seu conhecido, do bar da Brahma, do Rio, trazendo-lhe um chope duplo bem gelado.

Esse sargento era um Grande Sargento; tinha uma alta dignidade em seu sonhar. Suponhamos que, de súbito, andando sôbre as ondas, viesse realmente aquêlê velho garçom amigo com o chope muito bem tirado, com o “colarinho” do tamanho certo, tinindo de gelado.

— Mas Deus é grande!

* * *

Bem, acho que eu poderia pensar ainda em contar outra história mais modesta. Tudo isso parece exagerado; entretanto, o que me aconteceu foi tão simples, e tão completamente inesperado e intensamente feliz, que estou até agora meio abobado. Que uma coisa dessas aconteça na vida pelo menos uma vez a cada pessoa — e assim ninguém mais poderia nunca mais ser completamente infeliz.

Que vos aconteça em 1962! Aqui, da margem esquerda do Oued Bou Regreb, à sombra da venerável Tôrre Hassan, eu vos peço perdão a todos por não contar minha história e vos digo com uma firme esperança, que não desesperéis, nem vos deixeis sucumbir pelo tédio ou pela mortificação — pois agora é Ano Nôvo e, em verdade, eu vos digo, Deus é grande, Deus é muito grande!